

O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

WERTHER HOLZER*

Universidade Federal Fluminense

“Lugar”, conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço, e território. Hoje, no entanto, “lugar” é considerado conceito fundamental no estudo da geografia. Já debati sobre esta mudança de perspectiva conceitual em outro texto (HOLZER, 1999). Aqui procurarei relacionar o conceito de “lugar” com a investigação que determinado coletivo dedicado à ciência geográfica fez dos conteúdos teóricos e métodos preconizados pela fenomenologia, me deterei na contribuição fundamental de um único autor: Tuan.

Esta investigação iniciou-se na década de 20 tornando-se mais dinâmica na década de 60. Considerada esta trajetória, é preciso refletir sobre o modo como este aporte teórico conceitual vem sendo incorporado pelos geógrafos. Ao falarmos de fenomenologia na geografia devemos nos reportar à obra de Carl Sauer, que já em 1925 se referia à fenomenologia em artigo intitulado “A Morfologia da Paisagem” (1998 [1925]). Neste artigo, dedicado às questões teóricas mais palpitantes para a

* Professor do Departamento de Arquitetura da UFF

geografia naquele momento, o autor inicia procurando delimitar o “campo da geografia”, e começa a fazê-lo apoiado na “visão fenomenológica da ciência”.

Segundo o aporte bibliográfico escolhido pelo autor, uma abordagem científica fenomenológica exige a determinação inicial dos limites e qualidades de um fato que só podem ser compreendidos quando observados em suas relações. As ciências se constituiriam enquanto seções ingênuas (*naïve*) da realidade. Ingênuas porque o agrupamento dos grandes campos do conhecimento se dá a partir da experiência humana e não pela pesquisa do especialista. No conjunto destes grandes campos do conhecimento a geografia estaria envolvida, a partir de uma “realidade ingenuamente perceptível”, com o estudo da área ou paisagem, constituída pelos fatos do lugar. (SAUER, 1998 [1925], 13-15).

Esta reflexão teórica iria se sofisticando ao longo das décadas seguintes na medida em que a “Geografia Cultural”, enquanto produto acadêmico desta reflexão, se tornava a disciplina mais lecionada nos cursos de geografia norte-americanos e a que mais gerava pesquisas de campo. Neste contexto não se discutia mais o aporte teórico, mas manteve-se seus fundamentos de se observar o fator em suas relações (espaço vivido) e de se considerar que a geografia estava “além da ciência”, isto é, que extrapolava os métodos de pesquisa científica impostos pelo positivismo, idéia que Sauer já enunciara neste primeiro artigo (SAUER, 1998 [1925], 61), e na qual insistiria até o fim da vida (SAUER, 1981 [1967], 244).

Outro autor que não pode ser ignorado é Eric Dardel que produziu uma obra em que a fenomenologia existencialista é o suporte teórico. Ele não aceitava que a geografia fosse vista como uma disciplina científica nos moldes positivistas. Para ele a geografia se refere à inserção do homem-no-mundo, de modo que não pode lidar apenas com aspectos objetivos ligados a um espaço geometrizado. Ela pressupõe um campo de estudos próprio que se refere à existência humana na Terra, a partir de um objeto fenomenologicamente determinado: o “espaço geográfico”, que tem como elemento essencial a “geograficidade”, definida como uma “geografia vivida em ato” a partir da exploração do mundo e das ligações de cada homem com sua terra natal. (DARDEL, 1990 [1952], 2).

O livro de Dardel seria praticamente esquecido. Redescoberto por Relph, que o cita em sua tese *The Phenomenon of Place* de 1973, ajudaria a despertar a curiosidade sobre a fenomenologia numa jovem geração de geógrafos ligados à Geografia Cultural. Esta geração via os campos de pesquisa tradicionais da disciplina se esgotarem, ou perderem a hegemonia para a “geografia quantitativa”, como está muito bem enunciado por Mikesell (1978). Deste modo incitados primeiramente por Relph (1970), e posteriormente por Tuan (1971 b), passam a procurar na fenomenologia procedimentos úteis para a “descrição do mundo cotidiano”.

Relph valorizava na fenomenologia a descrição das essências das estruturas temáticas, o exame dos modos como aparecem os objetos; o estudo da constituição dos fenômenos na consciência; a críticas ao cientificismo, seguidas de apelos do autor pela adoção de um aporte radical; a valorização da intersubjetividade e da

intencionalidade; o reconhecimento de que este campo da filosofia tinha importância para o estudo do pensamento e do conhecimento, e na valorização de condutas de vida.

Em outros artigos tive a oportunidade de abordar como estas preocupações acabaram por originar a geografia humanista, explicitamente considerada como campo autônomo em 1976 (HOLZER, 1993; 1996).

O fato é que as dificuldades, talvez na compreensão, mas certamente na aplicação do método levariam a propostas de sua utilização de modo implícito (RELPH, 1976, nota 7, pag. 7; TUAN, 1976), ou a propostas de descarte de determinadas fenomenologias, a pura de Husserl, ou a hermenêutica, de Ricoeur, com a manutenção apenas do “espírito” da filosofia, que estaria contido no conceito de “Lebenswelt”, a vida cotidiana (BUTTNER 1976), que os geógrafos franceses, sem tantas preocupações de delimitações teórico-conceituais, souberam muito bem estudar a partir do “espace vécu”.

Os três tipos de pesquisa citados acima, muito marcados pelas perspectivas da geografia cultural e da geografia histórica e, também, pelo conceito de “paisagem cultural” contribuíram de maneira modesta para a consolidação da geografia humanista. A fenomenologia e o existencialismo, como base filosófica, e a escolha do “lugar” como conceito espacial que mais atendia aos seus propósitos, seriam apropriados por alguns expoentes do coletivo — Tuan, Buttner e Relph — empenhados na renovação da geografia cultural, ou melhor, da própria geografia, além de pretender o reconhecimento da geografia humanista como campo autônomo de estudos.

Na primeira metade da década de 70 podemos destacar os nomes de Tuan e de Buttner como os que mais contribuíram na busca por uma identidade própria para a geografia humanista. Esses autores foram pioneiros na utilização dos conceitos de lugar e de mundo vivido, ambos associados a uma base teórica fenomenológico-existencialista, aporte que mais tarde permitiria a identificação de seus trabalhos como humanistas.

Por esta época Tuan iniciara uma investigação conceitual mais explicitamente humanista, que se consubstanciaria em importante contribuição para a fixação de uma identidade própria para a geografia humanista. Ao final dos anos 60 e início dos 70, seus trabalhos dedicavam-se a dois campos: a pesquisa das atitudes do homem em relação ao ambiente (1967, 1968, 1971 a, 1973), que culminaria com a publicação do livro *Topophilia* em 1974 (Tuan, 1980); a investigação sobre conceitos espaciais que fossem mais adequados do que o de “paisagem”, utilizado usualmente pela geografia cultural, permitindo uma investigação com características mais subjetivas e antropocêntricas, além de adequar-se ao aporte filosófico fenomenológico, existencialista e estruturalista (TUAN 1971 b, 1972 a, 1972 b, 1975 a, 1975 b), investigação que culminaria com a publicação dos artigos *Space and Place: humanistic perspective* (1974. Republicado em coletânea de 1979), *Humanistic Geography* (1976), e do livro “*Space and Place*” (1977. TUAN, 1983).

Considero que já em 1967 Tuan delinear um roteiro que indicava alguns caminhos que poderia seguir em suas pesquisas (TUAN, 1967). No ano seguinte o autor compararia atitudes européias e chinesas que levaram à substituição do ambiente natural por outro humanizado, simbolizado, no caso, pelos jardins europeus e chineses (TUAN, 1968). Esse assunto mereceria estudos mais elaborados com a publicação de *Man and Nature* (1971 a) e do artigo *Ambiguity in Attitudes Toward Environment* (TUAN, 1973).

Em “*Ambiguity...*” o autor reafirmaria opiniões emitidas em 1971 relativas às respostas ambíguas do homem ao ambiente físico, exceto, talvez, sob rígido controle no laboratório. Portanto, na investigação das atitudes e valores, que tanto interessavam aos geógrafos dedicados à pesquisa das dimensões psicológicas, estas respostas ambíguas deveriam ser estudadas:

“... a ambigüidade e a ambivalência são o resultado de três conjuntos principais de fatos ou de condições: 1) ambientes complexos (ou estímulos); 2) a discrepância entre a busca mental da simetria e o viés da intenção humana em relação aos valores específicos situados no futuro; e 3) a tendência polarizadora de sentimentos e de idéias primitivas.” (TUAN, 1973, 411).

Estes três conjuntos, assunto central deste artigo de 1973, poderiam ajudar a desvendar o fenômeno da ambivalência da natureza humana, com o auxílio das humanidades, principalmente a literatura.

Topophilia (TUAN, 1980) marcaria o ápice das investigações de Tuan sobre as atitudes humanas em relação ao ambiente. Este livro se configura como extenso “catálogo” que examina as diversas alternativas de investigação. O autor considerava seu esforço integrado ao impulso ecológico-ambiental surgido nos anos 60 e que, segundo ele exigia, além de pesquisa aplicada, pesquisa teórica e científica.

O autor alertava para a disparidade entre objetivos, métodos, pressupostos filosóficos e escalas envolvidas nesta empreitada, que seriam unificados em um único tema: o modo como os seres humanos respondem a esse ambiente. Nenhum conceito abrangente, reconhece, une essas disparidades. Contenta-se, então, em estruturá-las em torno da “topofilia”, definida como o elo de afeição que une as pessoas aos lugares.

Sobre este material heterogêneo, utilizando-se em apoio ao conceito de “topofilia”, dos conceitos de “percepção”, “atitude” e “visão de mundo”, Tuan distinguiria cinco tipos principais de questões ligadas às atitudes e valores ambientais:

“(1) Como os seres humanos, em geral, percebem e estruturam o seu mundo. São procurados traços humanos universais; (2) percepção e atitudes ambientais como a dimensão da cultura ou a interação entre a cultura e o meio ambiente. Pessoas analfabetas e comunidades pequenas são examinadas em algum detalhe e numa abordagem holística; (3) tentativas para inferir atitudes e valores ambientais com o auxílio de pesquisas, questionários e testes psicológicos; (4) mudanças na avaliação ambiental como parte de um estudo da história das idéias ou da

história da cultura; (5) o significado e a história de ambiente como a cidade, o subúrbio, o campo e o selvagem. " (TUAN, 1980, 2).

Topophilia explora sistematicamente estes cinco campos: estuda os sentidos e os traços comuns da percepção; aborda os mundos individuais a partir das diferenças e preferências de cada um; investiga as percepções comuns a partir da cultura e das atitudes ambientais; estuda a cidade como síntese desses campos, pois o espaço humanizado seria a materialização das atitudes atuais e passadas para com o ambiente.

Nestes trabalhos voltados para as atitudes e valores ambientais Tuan não explicitava suas preocupações teóricas e filosóficas, entretanto desenvolvia, paralelamente, uma busca por embasamento teórico calcado na filosofia e no intercâmbio com outras disciplinas. Esta busca, inaugurada no artigo *Geography, Phenomenology and the Study of Human Nature* (TUAN, 1971 b), continuaria de forma intensa ao longo da década de 70.

Essas incursões pela filosofia e ciências afins iriam certamente embasar "*Topophilia* (TUAN, 1980), como pode ser evidenciado no estudo que ali é realizado sobre a evolução dos mundos pessoais analisados pela teoria da aprendizagem de Piaget. Essa base teórica é muito mais evidente no artigo *Space and Place: Humanistic Perspective* (TUAN, 1979), publicado em 1974. Este é o primeiro que discute as possibilidades da geografia humanista como campo autônomo, fazendo um duo com *Values in Geography*, de Anne Buttimer (1974).

Em *Space and Place: Humanistic Perspective*, Tuan afirmava que "espaço" e "lugar" são os conceitos que definem a natureza da geografia. Introduzia também o tempo como conceito em constante interação com o espaço. O autor defendia a importância de sua investigação:

"Todo trabalho acadêmico aumenta o campo da consciência. Os estudos humanistas contribuem, ademais, para a auto-consciência, para o crescente conhecimento que o homem tem das fontes do seu saber. Em cada grande disciplina existe um subcampo humanista que é a filosofia e a história daquela disciplina. Através do subcampo, por exemplo, a geografia ou a física conhecem a si próprias, isto é, as origens de seus conceitos, pressuposições e vieses nas experiências de seus sábios e cientistas pioneiros." (TUAN, 1979, 388)

O espaço na perspectiva humanista referia-se aos sentimentos espaciais e à experiência. Experiência definida como:

"a totalidade de meios pelos quais nós chegamos à compreensão do mundo: nós conhecemos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção. A compreensão do espaço pelos geógrafos é abstrata, embora menos que a do matemático puro" (TUAN, 1979, 388). Para Tuan "A importância do "lugar" para a geografia cultural e humanista é, ou deveria ser, óbvia. Como nós funcionamos no espaço, os lugares sujeitam-se as técnicas da análise espacial.

Mas como um único e complexo conjunto — enraizado no passado e crescendo no futuro — e como símbolo, o lugar clama pelo entendimento humanista. Na tradição humanista os lugares tem sido estudados a partir das perspectivas histórica e literário-artística ... Nos falta, contudo, análise sistemática ... Exceto a dissertação de Edward Relph, a literatura sobre este tópico — seguramente de importância central para os geógrafos — tem sido, e continua sendo, negligenciada. Aprendemos a apreciar a análise espacial, a erudição histórica e a fina prosa descritiva, mas o entendimento filosófico, baseado no método e ponto de vista dos fenomenologistas, ainda está além do alcance de nossos conhecimentos. Neste ensaio será introduzida a perspectiva fenomenológica. Não me deterei, no entanto, apenas nela e tentarei evitar uma linguagem técnica.” (TUAN, 1979, 389).

Tuan, neste artigo, recorreu aos textos de geógrafos como Humboldt, Sauer, Glacken, Lowenthal e Dardel (seguramente introduzido na geografia norte-americana por Relph em sua dissertação de 1973); de filósofos como Kockelmans, Merleau-Ponty, Schutz, Heidegger, Van der Leew, Piaget, Cassirer, Bergson e Ricoeur; antropólogos como Boas, Evans-Pritchard e Whorf. Munido deste aparato bibliográfico investigava as relações entre espaço e tempo e as características do “espaço” e do “lugar”.

Para Tuan tempo e espaço estão ligados pela noção de distância, ambos os conceitos orientados e estruturados pela intencionalidade do ser (TUAN, 1979, 390). Deste modo, espaço e tempo são inseparáveis na atividade locomotora, apesar de serem separáveis na fala e no pensamento.

Se por um lado esta espacialização da matéria exige um comportamento ativo, por outro, o homem é feito pelo ambiente geográfico. A distância é um elemento primordial deste ambiente que age sobre o homem, sendo assim primordial para a estruturação do mundo que nos rodeia.

Dardel já destacava esta qualidade estrutural ao comentar

“Que o espaço geográfico aparece essencialmente qualificado em uma situação concreta que afete o homem, é o que prova a espacialização cotidiana que o espacializa como afastamento e direção. As distâncias geográficas não provêm de uma medida objetiva, auxiliada por unidades de distância previamente desenvolvidas. Ao contrário, o cuidado de medir exatamente resulta desse cuidado primordial que o homem carrega com ele, de colocar a seu alcance as coisas que o cercam. A distância é experimentada não como uma quantidade, mas como uma qualidade exprimida pelos termos perto e longe.” (DARDEL, 1990[1952]).

Desta experiência fundamental Dardel extrai outras relações de distância:

“As direções foram então fixadas, elas também, por necessidades práticas. Ao mesmo tempo que procura tornar as coisas próximas, o homem necessita se dirigir, por sua vez, para se reconhecer no mundo circundante, para aí se encontrar, e para manter reta sua caminhada e para abreviar as distâncias. Um homem expatriado é um homem ‘desorientado’; hesitar é, em

todos os sentidos, hesitar sobre a direção a tomar.” (DARDEL, 1990 [1952], 14).

O marco referencial é o próprio corpo e o suporte onde ele se instala: a casa da família, a vila natal, as colinas. A partir destas lembranças afetivas e imaginárias surge a linguagem geográfica, que exprime

“... as surpresas, as privações, os sofrimentos ou as alegrias que se ligam às regiões.” (DARDEL, 1990 [1952], 15).

Constitui-se, assim, a noção de espaço primitivo, que envolve nossos pensamentos, vontades e desejos. Este espaço primitivo é definido por Dardel como

“[um] espaço englobando o espaço material, mas mais próximo, sem nenhuma dúvida, do espaço geográfico concreto que do espaço geométrico. Espaço onde se desenvolve a existência, porque ela é, em essência, extensão, por que ela procura um horizonte, direções, existências a se aproximar dela, por que a vida lhe oferece percursos a seguir, fáceis ou acidentados, seguros ou incertos. Ali onde os termos não podem mais se agarrar à uma realidade que resiste e que responde e não são mais do que cifras, é a geografia que, naturalmente, fornece seu vocabulário porque ele é concreto e qualitativo, próximo e claro.” (DARDEL, 1990 [1952], 17).

A direção e a distância definem a situação, que é

“... é um sítio estável e inerte.” (DARDEL, 1990 [1952], 18). Este conceito de situação delinea o arcabouço da geograficidade (*geographicité*): “Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência.” (DARDEL, 1990 [1952], 19).

Tuan observava que os filósofos, com exceção dos kantianos, sejam fenomenologistas ou positivistas, priorizam o tempo em função do espaço. Isso acontece porque os filósofos estão interessados na natureza da causa, colocando-a sob a luz do tempo, pois pensam no fluxo do tempo como determinante das conexões causais dos fenômenos; o espaço, por sua vez, só ordena os dados coexistentes (TUAN, 1979, 391).

Os ocidentais, no entanto, quando se utilizam da linguagem tendem a espacializar os termos que denominam o tempo, enquanto que nos idiomas não-ocidentais não existe esta tendência, existe um vocabulário autônomo para denominar as ações temporais.

Conclui Tuan:

“A experiência e apreensão do espaço é substancialmente a mesma independentemente da linguagem. Neste sentido, o espaço é mais básico para a experiência humana do que o tempo,

cujo significado varia fundamentalmente de povo para povo.” (TUAN, 1979, 393).

O espaço, diz Tuan, é orientado e estruturado a partir do corpo humano. Como os fenomenologistas e os antropólogos observaram, estas relações primitivas têm o corpo como um sistema de funções que podem servir de instrumento para a escolha consciente e no direcionamento das intenções para um determinado campo (TUAN, 1979, 389).

Além dessa experiência primitiva do espaço ligada ao ego, existe, como Tuan explica, a experiência pessoal de espaço:

“A estrutura e o tom sentimental do espaço estão unidos ao equipamento perceptivo, à experiência, ao temperamento e propósito do indivíduo humano. Nós adquirimos conhecimento do mundo através das possibilidades e limitações dos nossos sentidos. O espaço que nós podemos perceber estende-se na frente e ao redor de nós, e é divisível em regiões de qualidades diversas. Removendo o mais distante e cobrindo a mais vasta área está o espaço visual. Ele é dominado pelo horizonte amplo e por objetos pequenos e indistintos. Esta região puramente visual parece estática ainda que as coisas se movam em seu interior...

Ao caracterizar a estrutura do espaço, eu introduzo os termos passado, presente e futuro. A análise da experiência espacial parece requerer o uso de categorias temporais. Isso porque nossa consciência das relações espaciais dos objetos não é jamais limitada às percepções dos objetos em si: a consciência do presente está, em si, imbuída das experiências passadas em movimento e tempo, com memórias de gastos passados de energia, ela é movida em direção ao futuro pelas demandas de ação dos objetos perceptivos.” (TUAN, 1979, 398-400).

Além do espaço pessoal, existe a experiência grupal do espaço, onde é vivida a experiência do outro. É o que os fenomenologistas chamam de intersubjetividade. Este é o caso do fenômeno do “apinhamento”, que Tuan escolhe como exemplo para este artigo.

Outro tipo de espaço que o autor considera é o “espaço mítico-conceitual”, que é o produto das generalizações produzidas pela mente, situando-se, na gama das experiências, entre o sentido da percepção e o espaço puro da cognição:

“O espaço mítico-conceitual está sempre ligado ao ego e à experiência direta, mas ele extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas em direção das estruturas mais abstratas do mundo.” (TUAN, 1979, 404).

Investigados os diversos significados de espaço, Tuan iria se dedicar ao lugar. Ele observa que o lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: posição na sociedade e localização espacial. Mas, além destes, tem outro mais profundo: ele possui “espírito”, “personalidade”, existe um “sentido do lugar” (TUAN, 1979, 409). Este sentido do lugar remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente.

Tuan distinguiria a cena (scene) ou paisagem do lugar:

“Uma cena pode ser um lugar, mas a cena em si não é um lugar. Falta-lhe estabilidade: é da natureza de uma cena a propriedade de se alterar a partir de cada mudança de perspectiva. Uma cena é definida por sua perspectiva, enquanto que isso não é verdadeiro para o lugar: é da natureza do lugar que ele apareça como possuindo uma existência estável independente do indivíduo que o percebe.” (TUAN, 1979, 411).

Conclusão do autor: o espaço e o lugar são os assuntos centrais da geografia. Estes assuntos são vistos pelos positivistas através da análise da organização espacial, para os humanistas assumem outras características. Ambas as perspectivas teriam validade: os conceitos positivistas interessam aos humanistas porque são o exemplo extremo da tendência universal para a abstração; os trabalhos humanistas podem interessar aos positivistas porque promovem o auto-conhecimento, utilizando-se do seu mais alto valor, as humanidades (TUAN, 1979, 422).

Esta investigação de Tuan acerca do lugar como conceito mais apropriado para a geografia humanista, continuaria nos anos seguintes, culminando com a publicação do livro *Space and Place: the perspective of experience* em 1977 (TUAN 1983). Neste intervalo, de 1974 a 1977, Tuan estudaria também os mapas mentais. Em *Images and Mental Maps* (TUAN, 1975 b) ele advertia que o estudo da percepção na geografia, apesar de novo, necessitava de uma pausa para reconsiderar os fundamentos e modos de seus questionamentos, sendo que também através do estudo da imagem e do “*schemata*” pode-se descobrir os fenômenos mentais que interessam ao geógrafo e à curiosidade do homem comum.

Em *Place: an experiential perspective* (TUAN, 1975 a), caracterizava o lugar a partir da experiência. O lugar era avaliado como lar, em suas diversas escalas: o próprio lar, a vizinhança, a cidade, a região (a qual atribuía características semelhantes à da vizinhança), e ao estado-nação. Discutia também o papel da arte, da educação e da política na formação da experiência que torna os lugares visíveis.

Space and Place: the perspective of experience (TUAN, 1983) é a consolidação destas investigações. A questão central do livro é: o que são o espaço e o lugar em termos de experiência humana? Aqui não é explicitada a base fenomenológica, mas na introdução o autor chama a atenção para as questões formuladas pelos humanistas para o espaço e o lugar (TUAN, 1983, 7).

Este livro agrupava temas que o autor pesquisava há anos: o corpo e os valores espaciais; a sensação de apinhamento como expressão da relação intersubjetiva; a variabilidade das habilidades espaciais em função da experiência; o espaço mítico extrapolando a visão pessoal do mundo; a inter-relação entre tempo e lugar; o espaço arquitetônico como síntese da criação do espaço humanizado. Tuan, com toda certeza, foi dos principais responsáveis pela valorização do “lugar” como conceito central dos estudos geográficos.

O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Resumo: A Geografia Humanista inovou no conceito de espaço e de lugar, ao desenvolvê-los no sentido da Fenomenologia. O texto analisa sobretudo as concepções de Tuan.

Palavras-chave: Geografia Humanista, Espaço, Lugar.

CONCEPT OF PLACE AT CULTURAL-HUMANISTIC GEOGRAPHY: A CONTRIBUTION TO A CONTEMPORANEOUS GEOGRAPHY

Abstract: Humanistic Geography has innovated the concepts of space and place, as develops them in the sense of phenomenology. This text analyzes mainly the conceptions of Tuan

Key words: Humanistic Geography; Space; Place

BIBLIOGRAFIA

- BUTTNER, Anne. (1974). *Values in Geography*. Washington, AAG
- BUTTNER, Anne. (1976). Grasping the dynamism of lifeworld. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2) : 266-276.
- DARDEL, Eric. (1990). *L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*. Paris, Ed. CTHS. (1ª ed. Paris, PUF, 1952).
- HOLZER, Werther. (1993). A geografia humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. *Revista Brasileira de Geografia*. 55 (1/4) : 109-146.
- HOLZER, Werther. (1996). A geografia humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*. (3) : 8-19. HOLZER, Werther. (1999). O lugar na geografia humanista. *Território*. (7) : 67-78.
- MIKESSELL, Marvin. (1978). Tradition and innovation in cultural geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 68 (1) : 1-16.
- RELPH, Edward. (1970). An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*. 14 (3) : 193 -201.
- RELPH, Edward. (1976). *Place and Placenessless*. London, Pion.
- SAUER, Carl Ortwin. (1981). On the backgrounds of geography in the United states. in: Callahan, B. (ed.). *Selected Essays 1963-1975 - Carl O. Sauer*. Berkeley, Turtle Island Foundation. P. 241-259.
- SAUER, Carl Ortwin. (1998). A morfologia da paisagem. in: Corrêa, R. L. e Rosendahl, Z. (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EdUERJ. (1ª ed. Berkley, Univ. of California, 1925).
- TUAN, Yi-Fu. (1967). Attitudes toward environment: themes and approaches. In: Lowenthal, D. (ed.): *Environmental Perception and Behavior*. Chicago, The University of Chicago.
- TUAN, Yi-Fu. (1968). Discrepancies between environmental attitude and behavior: examples from Europe and China. *Canadian Geographer*. 12 (2) : 176-191.
- TUAN, Yi-Fu. (1971 a). *Man and Nature*. Washington, AAG
- TUAN, Yi-Fu. (1971b). Geography, phenomenology and the study of human nature. *Canadian Geographer*. 15 (2) : 181-192.

- TUAN, Yi-Fu. (1972 a). Environmental psychology: a review. *Geographical Review*. 62 (2): 245-256.
- TUAN, Yi-Fu. (1972 b). Structuralism, existentialism and environmental perception. *Environment and Behavior*. 4 (3) : 319-331.
- TUAN, Yi-Fu. (1973). Ambiguity in attitudes toward environment. *Annals of the Association of American Geographers*. 63 (4) : 411-423.
- TUAN, Yi-Fu. (1976). Humanistic Geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2) : 266-276.
- TUAN, Yi-Fu. (1975 a). Place: na experiential perspective. *Geographical Review*. 65 (2) : 151-165.
- TUAN, Yi-Fu. (1975 b). Images and mental maps. *Annals of the Association of American Geographers*. 65 (2) : 205-213.
- TUAN, Yi-Fu. (1979). Space and place: humanistic perspective. In: Gale, S.; Olsson, G. (eds.) *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427. (publicado originalmente em: *Progress in Geography*. (6) : 211-252, 1974)
- TUAN, Yi-Fu. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL. (1ª ed. norte-americana: *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1974).
- TUAN, Yi-Fu. (1983). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL. (1ª ed. norte-americana: *Space and Place: the perspective of experience*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1977).